

Folha de S. Paulo

2/12/2008 C3

29% dos alunos de 2ª série da prefeitura não sabem o que lêem

Prova aplicada em novembro mostra que 29% deles não conseguem responder a questões de português e matemática

Na 4ª série, 26,9% também tiveram dificuldades; para prefeitura, "a situação ainda é ruim", mas melhor do que a esperada

FÁBIO TAKAHASHI
DA REPORTAGEM LOCAL
RICARDO SANGIOVANNI
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Uma prova aplicada nas escolas municipais de São Paulo em novembro apontou que cerca de 29% dos alunos da segunda série do ensino fundamental estão com um nível de aprendizado crítico. Não conseguiram nem responder às questões de português e matemática.

Na prática, segundo relatório da própria Secretaria de Educação, ao ler um documento, esses alunos não são capazes de identificar, por exemplo, que se trata de uma conta de água. Tem também dificuldades para entender o contexto de uma história em quadrinhos.

Os resultados da Prova São Paulo mostram também que boa parte dos alunos da quarta série (26,9%) também está muito abaixo do esperado para sua etapa de ensino.

O desempenho dos alunos da 8ª série foi um pouco mais animador. Na comparação com prova semelhante aplicada em 2005, os alunos paulistanos conseguiram notas melhores (226,5 pontos para 241). A média nacional é 221,87.

Na segunda série, dos 29,7% que ficaram no chamado pata-

mar crítico, 14,6% são considerados "não-alfabéticos". Ou seja, ainda não têm ideia de como funciona a língua portuguesa.

Em São Paulo, os alunos da segunda série não são reprovados por conta da progressão continuada. Eles só podem ser retidos a partir da quarta série.

O secretário de Educação, Alexandre Schneider, que divulgou ontem os dados ao lado do prefeito Gilberto Kassab (DEM), afirma que a "situação ainda é ruim", mas melhor do que esperava.

Segundo ele, um exame feito na rede por amostragem em 2005 revelou números piores — a taxa de não-alfabéticos estava na casa dos 30%.

"Tenho convicção de que as políticas adotadas deram base para que haja um salto de qualidade em breve", afirmou.

No evento, Kassab fez um balanço otimista dos resultados. Disse que os resultados foram "bem positivos", pois "mostra que avançamos em qualidade".

A prefeitura afirma que os alunos que estão em situação crítica terão um programa de reforço especial, com materiais didáticos específicos e treinamento de professores.

Educadores, porém, afirmam que isso não é suficiente e que faltam investimentos na infraestrutura, principalmente para diminuir o número de alunos em salas de aulas.

"A Unesco diz que um professor dá conta, no máximo, de 25 alunos. A secretaria vem e coloca 40 em uma sala de aula.

Depois faz uma provinha e vai ver se aprendeu. Claro que não aprendeu", afirmou o professor da Faculdade de Educação da USP, **Vitor Paro**. A prefeitura diz que vai melhorar a parte física da rede.

Melhora

A Prova São Paulo (que analisou também quarta, sexta e oitava séries) foi ajustada para ser comparada à Prova Brasil, exame do governo federal, cuja primeira edição foi aplicada em 2005 na 4ª e na 8ª séries.

No intervalo analisado (2005 a 2007), não houve mudanças significativas na 4ª série. Já na 8ª, São Paulo subiu de 226,5 pontos para 241 (variação de 14,5 pontos) em leitura. Schneider, porém, foi comedido ao comentar a variação.

Segundo ele, pode ter havido pequenas diferenças na aplicação das provas, o que refletiria nos resultados. "Ainda estamos analisando. Seria desonesto dizer que tenho certeza de que demos um salto tão grande em tão pouco tempo", afirmou.

Schneider diz que outros programas, além do reforço, irão trazer benefícios para a rede. Ele cita, por exemplo, a própria prova, que fornecerá às escolas os resultados de cada aluno — os outros exames do gênero mostram o desempenho só da escola como um todo.

A secretaria não divulgou os desempenhos das escolas nem das regiões da cidade. Disse que se comprometeu com a rede a não fazer rankings.

Excesso de alunos nas salas é um dos maiores problemas, dizem especialistas

DA REPORTAGEM LOCAL
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Educadores e especialistas apontam o alto número de alunos nas salas de aula como um dos problemas mais graves da educação municipal.

"Não dá para trabalhar com 45 alunos nas salas, como hoje. O máximo tem que ser entre 30 e 35", diz o professor Adelson Queiroz, do Sindicato dos Profissionais de Ensino em Educação Municipal de São Paulo.

Para Queiroz, a eliminação do terceiro turno de aulas até o fim do ano, meta da gestão Kassab para 2008, depende, além da construção de novas escolas, do investimento em qualificação dos professores.

"Se houver condições de salário para que o professor não

precise trabalhar em duas ou três escolas, será viável", diz.

O professor da Faculdade de Educação da USP (Universidade de São Paulo), **Vitor Paro**, diz que o modelo do município é "de dois séculos atrás".

"A Unesco diz que um professor dá conta, no máximo, de 25 alunos", diz Paro, que critica o exame. "Esse tipo de prova revela o que qualquer pessoa poderia descobrir sozinho: que os alunos não sabem ler", diz.

A avaliação da pedagoga **Silvia Colelo**, autora dos livros "Alfabetização em questão" (2004) e "A escola que não ensina a escrever" (2007), é positiva. "85% de alunos alfabetizados na segunda série é um número bom", diz Colelo, que acredita que o processo de alfabetização se conclui ao longo das quatro

primeiras séries.

Outro dado — os 4% de não-alfabéticos na quarta série — preocupa mais a professora. "Esses são alunos que vão sendo abandonados pelo sistema ao longo do processo".

Os dados da prova podem ser "balizadores" para que as escolas reestruturem a "orientação de recuperação, abordagem de conteúdos, acompanhamento individualizado e horários", diz o pedagogo **Romualdo Portela**, professor da USP.

No entanto, Portela acha pouco confiáveis dados obtidos em provas do tipo para alunos abaixo da quarta série. "Um aluno da segunda série é muito mais suscetível a dificuldades de interpretação; 15% de não-alfabéticos podem não representar problema de cognição".

OS RESULTADOS DA PROVA

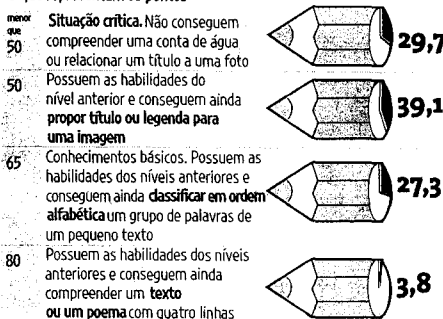
Quase 1/3 dos alunos da 2ª série está em situação crítica

2ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

Distribuição dos alunos nas faixas de conhecimento, em %

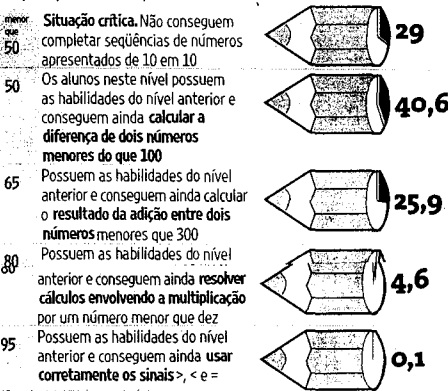
Língua portuguesa - prova objetiva

O que representam os pontos*



Matemática

O que representam os pontos*



*Exemplos de habilidades em cada nível

14,6%

dos alunos, na parte da produção de textos, se mostraram **NÃO-ALFABÉTICOS** (não conseguem associar palavras com suas grafias corretas e não compreendem como funciona a língua)

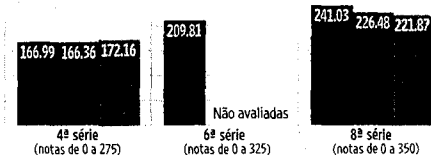
A SITUAÇÃO DAS OUTRAS SÉRIES

A situação dos alunos de 4ª série praticamente não se alterou em dois anos. Já os de 8ª série melhoraram

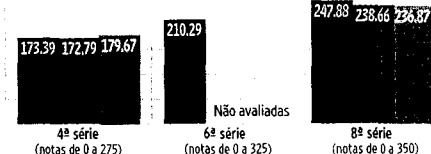
Médias

- Alunos da rede municipal paulistana em 2007**
- Alunos da rede municipal paulistana em 2005**
- Escolas municipais do Brasil em 2005**

Língua portuguesa



Matemática



*com base na Prova São Paulo **com base na Prova Brasil
Fonte: Secretaria Municipal de Educação e Inep (Instituto de pesquisa do Ministério da Educação)

O QUE PENSAM SOBRE A ESCOLA

A prefeitura também enviou questionários para a comunidade escolar

Os PAIS de alunos da 2ª série

66,7% colocariam os filhos em escola particular se pudessem

82,9% acham que a escola prepara bem os alunos

Os DIRETORES das escolas

21,5% dizem que suas escolas têm problemas com taxas de abandono, mas não têm programa para reverter o quadro

78,4% afirmam que falta apoio dos pais ao aprendizado

66,7% dos pais prefeririam filho em escola privada

DA REPORTAGEM LOCAL
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

As mudanças positivas que a gestão Kassab aponta na rede de ensino não foram sentidas, ao menos por enquanto, pelos pais dos estudantes.

Como parte da Prova São Paulo, foram enviados questionários às famílias dos alunos. Na respostas, 66,7% dos pais dos estudantes da segunda série afirmaram que mudariam seus filhos para escolas particulares se pudessem.

O patamar é semelhante aos pais de alunos das demais séries. Na oitava foram 72%.

Lucécia Azevedo, 37, por exemplo, gostaria que seu filho Ygor, 10, deixasse uma escola no Jardim Primavera (zona sul), onde começa a cursar a quarta série neste ano.

"Mas não tem como, é caro", diz. Ela se preocupa com a segurança do filho e se incomoda com a mistura de alunos de idades muito diferentes em uma mesma sala de aula. "Ele tem só dez anos e já ofereceram drogas para ele. Ainda precisa mudar muito, a escola tá muito fraca".

Contraditoriamente, enquanto boa parte dos pais afirma que mudaria seu filho de escola se pudesse, os colégios são bem avaliados pelas famílias: 82,9% dos pais acham que a escola forma bem os alunos.

Nesse perfil se encaixa Luciene de Lima, 35, que tem uma filha que entrou na terceira série neste ano. Segundo ela, Camila, 8, vai bem na escola por mérito da professora.

"A professora está acima do nível da escola. Demos sorte, ela é excelente."

Mas, mesmo assim, ela trocaria a filha para a escola particular se pudesse.

Os docentes foram bem avaliados pelos estudantes — 84,9% dos alunos da segunda série disseram gostar dos seus professores. Mas os docentes também sofreram críticas: 52,1% dos diretores reclamam da frequência irregular deles. (FÁBIO TAKAHASHI E KARIN BLIKSTAD).

[+] SAIBA MAIS: EXAME É SEMELHAR AO APLICADO PELO GOVERNO FEDERAL

A Prova São Paulo é um exame aplicado em novembro do ano passado a todos os alunos da 2ª, 4ª, 6ª e 8ª séries do ensino fundamental da rede municipal de São Paulo. São questões de língua portuguesa e matemática. A prova utiliza a mesma base metodológica da Prova Brasil, exame do governo federal aplicado em 2005 na 4ª e 8ª séries. Assim, os resultados são comparáveis. A diferença é que os alunos da rede municipal saberão as suas notas individuais; na Prova Brasil, o máximo de detalhamento foram as notas por escola. A escala de médias é cumulativa e comparativa — ou seja, alunos de 4ª e 8ª séries com uma nota 150 têm o mesmo nível de conhecimento.